

Maridos Traídos: Esposas Virtuosas

Antônio Emilio Morga¹

RESUMO

Este artigo se propõe analisar as práticas de afetividade masculinas em Nossa Senhora do Desterro no século XIX. Buscando nos relatos dos viajantes estrangeiros que visitaram a Ilha de Santa Catarina e nos periódicos locais as imagens construídas dos homens da povoação, da vila e da cidade do Desterro. Imagens estas que caracterizavam um homem ciumento.

Palavras Chave: sociabilidade; masculinidade; feminilidade e afetividade.

Abstract:

This article intends to analyze the masculine affection practices in Nossa Senhora do Desterro during the nineteenth century. Using local newspapers and the foreign travelers* relates, who visited the island of Santa Catarina, it focuses on the images built by the men of the city and village of Desterro. Those images which characterized a jealous man.

Key words: sociability, masculinity, femininity and affectivity

1. Professor do Departamento de História da Universidade Federal do Amazonas.

No dia 13 de julho de 1853 Manoel José Ferreira, morador das Picadas do Sul na Vila de São José da Terra Firme, casado com Ana Joaquina, faz saber aos respeitáveis cidadãos da Vila de São José da Terra Firme e de Nossa Senhora do Desterro - atual cidade de Florianópolis - através das páginas do jornal "Correio Catharinense" que pegara sua esposa em ato criminoso.

Foi ela encontrada em ato criminoso, desamparou-me e seus filhos na ocasião que seu cúmplice avançando para mim com uma pedra na mão para dar-me com ela impedindo-me, e dar lugar a que aquela criminosa se evadisse, como se evadio, de seu moto próprio. Não contente com a desgraça e vergonha com que me deixou, e ainda para maior escândalo, esta mulher no fim de quinze dias pouco mais ou menos de sua ausência volta a casa acompanhada de um meirinho (ignoro com que ordem por não apresentá-lo por escrito), e outro sujeito, que creio ser o autor deste anúncio, entraram pela porta a dentro e por força levaram os meus inocentes filhos que eu os tinha em meu poder tratando deles, sem atenderem as minhas reclamações,(...). (Jornal, Correio Catharinense, 13-07-1853.)

Manoel José Ferreira utilizava-se das páginas do jornal "Correio Catharinense" para desmentir sua esposa, Ana Joaquina, que o denunciou dias antes através do mesmo jornal portê-la abandonado.

Ana Joaquina, casada com Manoel José Ferreira, das Picadas do Sul na Vila de São José, faz saber ao respeitável público que ninguém empreste dinheiro ao seu dito marido, e nem com ele faça transação de natureza alguma, na esperança de ser pago com o valor de uma chácara ou sítio no dito lugar das Picadas, l: únicos bens que possui o casal;(...). (Jornal, Correio Catharinense, 22-06-1853.)

Deslocando os limites do pudor e das zonas de silêncio que certos segredos amorosos requerem, e atendendo ao pedido de um admirador supostamente abandonado, o Jornal "O

Despertador", em 14 de julho de 1874, publica recado a Illma. Sra. D^a.M.C.D.S.

Recebi seu amável recado! Fiquei sabendo que minhas cartas não terão mais a honra de serem recebidas pela Sra., mas, peço, ao menos responda á que tive a honra de dirigi-lhe em 7 do corrente mês, pedindo uma solução favorável aos nossos negócios. (Jornal, O Despertador, 14-07-1874)

Ao lermos este recado publicado nas páginas de um periódico local, de um suposto amante abandonado, algumas interrogações vêm à superfície. Por que na Capital da Província de Santa Catarina um tema da esfera do privado torna-se público? Estaria o suposto amante preterido tornando público toda sua inquietude amorosa diante de seu amor não mais correspondido? Ou estaria ele, de alguma forma, punindo a mulher amada com um desconforto público diante do abandono vivenciado e experimentado e que tinha na representação do silêncio da mulher amada a codificação da indiferença?

Uma das imagens reincidentes, registradas por alguns viajantes estrangeiros que visitaram a Ilha de Santa Catarina no transcurso dos séculos XVIII e XIX que nos chama atenção, é a que observou o ciúme da população masculina.

Georg Heinrich Von Langsdorff (1803) narra as peculiaridades da sociedade da Vila de Nossa Senhora do Desterro Tão sem importância que possa parecer tal observação, não faltam pequenas intrigas de amor que se espalham aqui. (LANGSDORFF, 1984).

Auguste de Saint-Hilaire que visitou a Ilha em 1820 e que aqui conviveu algum tempo registrou que:

Os homens se privam de tudo em favor de suas esposas e amantes, e em nenhum outro lugar existe, como ali, uma desproporção tão grande entre as roupas das mulheres e as dos homens. Nos domingos e dias santos todas as mulheres do campo se assemelham a damas de alta classe, e a maneira como se acham trajados os seus maridos faz com que eles pareçam seus criados. (SAINT-HILAIRE:1978)

Louis Isidore Duperrey (1822) em sua narrativa, ao se referir sobre a afetividade amorosa da população masculina é enfático! quanto ao ciúme: Outra coisa, digna de nota é que o ciúme parece ser endêmico entre os maridos, o que é um tanto tirânico, é pelo menos desculpável. (DUPERREY: 1984)

O naturalista francês Rene Primevère Lesson(1822), ao observar os modos de vida da população masculina, os retrata como homens robustos e bonitos. Ao tecer elogios ao sexo feminino faz o seguinte comentário:

Sem serem lindas, são muito agradáveis, as moças daqui, com a galanteria inerente a seu sexo, sabem se pôr, mesmo as mais pobres, numa elegância admirável. Um vestido de chita cobre levemente sua estatura, sem esconder a docilidade, flores naturais são entrelaçadas em sua negra cabeleira o que unido a olhares expressivo justificam bastante o extraordinário ciúme dos maridos e a vigilância dos pais. (LESSON: 1984)

Ainda, sobre o comportamento masculino desterreense o viajante, Coevo registra:

Pelo tempo que durou nossa estadia, certos esposos desconfiados, faziam cativas suas caras-metades(...), eu não podia deixar de sorrir ante o ar contrito e maçante dos homens que presidiam àquelas reuniões, sem achar graça nenhuma. Certamente, mais tarde seriam aqueles festins, causa de agastantes admoestações, que suas mulheres teriam de aturar, na intimidade.<LESSON: 1984)

Em 1785, o conde Jean François Galaup De La Pérouse em seu relato sobre a Ilha de Santa Catarina faz o seguinte comentário sobre a população masculina: Seus costumes são delicados: eles são bons, polidos, serviçais, mas supersticiosos e ciumentos de suas mulheres. (La PÉROUSE: 1984)

O oficial norte americano David Porter, que esteve na Vila de Nossa Senhora do Desterro em 1812, também observou que

Agente da aldeia é bem vestida, agradável e jovial no aspecto; as mulheres são graciosas em suas maneiras; os homens são extremamente ciumentos e creio que para isso, tenham suficientes motivos. (PORTER: 1984)

O abade beneditino Antoine Joseph Pernetty que visitou a Ilha em 1763, ficou surpreso ao participar, com outros convidados, de uma reunião social na qual encontraram várias senhoras e de serem bem acolhidos. Esse encontro inesperado surpreendeu o viajante na medida em que os portugueses tinham fama de serem extremamente ciumentos. (DOM PERNETTY: 1984)

Instigante os registros dos viajantes, na medida em que aguça o leitor a reformular constantemente interrogações a respeito das condutas masculinas. Condutas que, no olhar dos viajantes, caracterizavam-se pelas posturas de comportamento adotadas pelos homens de Nossa Senhora do Desterro, diante da benevolência com que suas mulheres, mães e filhas dispensavam aos viajantes estrangeiros que aqui estiveram no decorrer dos séculos XVIII e XIX, e que aqui permaneceram algum tempo a usufruírem das práticas de sociabilidades da população da Ilha de Santa Catarina.

Sobre as práticas de sociabilidade da população de Nossa Senhora do Desterro o médico e historiador catarinense Oswaldo

Rodrigues Cabral comenta que:

Desde os tempos coloniais que a sociedade desterrense mereceu elogios de quantos puderam penetrar na sua intimidade. Todos foram unânimes em tecer elogios à grã - finagem do Desterro, mesmo quando dela havia apenas um pequeno círculo bastante reduzido e de pouca significação. E, tais elogios, tais referências lisonjeiras, não raro se fizeram na base de comparação com outros centros, outras comunidades que não lhes pareceram superiores, antes, bem ao contrário. (CABRAL: 1979)

O olhar perspicaz dos viajantes estrangeiros, não deixou de perceber as particularidades entre as práticas de **sociabilidades** femininas da Ilha de Santa Catarina e as de **outras regiões do Brasil. Peculiaridades que provocavam constantemente** comparações com os modos de vidas da população à qual estavam inseridos.

Paulo José de Brito (1797), ao comparar as mulheres da Vila de Nossa Senhora do Desterro com as de outras regiões do Brasil, pondera que:

As mulheres são em geral agradáveis em suas maneiras; observam cuidadosamente os seus deveres domésticos; são prendadas, industriosas, e fecundas: as mais pobres, ou as mais polidas e civilizadas são dotadas de muita urbanidade, de maneiras dóceis, e meigas; são inclinadas aos divertimentos; sabem cantar, tocar alguns instrumentos de cordas, dançar, e não se observa nela aquela bisonhice, que se encontra nas mulheres de outras Capitânicas do Brasil. (BRITO: 1932)

Auguste de Saint-Hilaire faz o seguinte comentário ao comparar os modos de sociabilidade das mulheres da Ilha de Santa Catarina com os modos de sociabilidade das mulheres do interior do Brasil.

Já descrevi os modos canhestros das mulheres do interior, que ao saírem às ruas caminham com passos lentos umas atrás das outras, sem virarem a cabeça nem para um lado nem para outro, e sem fazerem o menor movimento. Não acontece o mesmo com as de Santa Catarina(...), mas quando andam pelas ruas em grupos, colocam-se geralmente ao lado umas das outras; não receiam dar o braço aos homens e muitas vezes chegam a fazer passeios pelo campo. (SAINT-HILAIRE: 1978)

Os viajantes ao retratarem um quadro onde as imagens masculinas se caracterizavam como "tirânicos", "robustos", "vigilantes", "bonitos", "sorrisos maçantes", "cortesês", "preguiçosos", "urbanos", "serviçais", "desconfiados", "honestos", "indiferentes", "recatados", "espíritos infatigáveis", "cara metade", "ar contritos", "bons", "polidos", "supersticiosos", "parecem vigorosos" e "extremamente ciumentos", sugerem aos seus leitores que um certo "desconforto" era demonstrado pelos homens desterrenses diante das práticas de sociabilidades dispensadas por suas mulheres - mães, filhas, irmãs e esposa - para com os viajantes. Induzindo seus leitores a pensar que Nossa Senhora do Desterro era um lugar privilegiado para a prática do adultério.

A imagem estampada parece convidar a leitora a olhar para um outro mundo coextensivo com o seu próprio, mas diferente dele e onde, apesar da guerra e das perdas, a vida flui placidamente: o sorriso é enigmático, o olhar é lânguido, a pose é dengosa. (CUNHA: 1999)

Essas representações onde a figura masculina, na Ilha de Santa Catarina, se constrói a partir de atitudes de comportamento, que no dizer dos viajantes estrangeiros caracterizam o homem ciumento, foram bastante frequentes nos seus relatos e na historiografia. Identificados como ciumentos, os homens de Nossa Senhora do Desterro se constituem, diante das

falas masculinas, como personagens dos jogos de sedução feminina.

Segundo o naturalista René Primevère Lesson, os viajantes sabiam dos meios que possuíam para o exercício dos jogos da sedução.

Elas revelaram aos estrangeiros uma benevolência que se declarou desde o primeiro vislumbre. É verdade que estes possuem inúmeros meios de sedução, e que os presentes temperados com suas palavras apresentam-se de uma forma tão arrebatadora que é difícil resistir. (LESSON: 1984)

Sabedor dos campos de tensões que emergem de **um** forma tão arrebatadora que é difícil resistir, e conhecedor que as palavras são enigmas que se descodificam diante do olhar atento e observador da mulher, o viajante estabelece laços de amizade, convivências e de resistência que se multiplicam, tornando as oportunidades de encontros o lugar da sociabilidade amorosa.

Um homem se dirige publicamente a qualquer mulher, fazendo-lhe a corte, como se ela fosse amada, sem que esse jogo de aparências implique a verdade e a duração dos sentimentos. A cerimônia da conversa galante raramente envolve a confiança | amistosa ou amorosa. O jogo é não falar de si, menos ainda dos próprios sentimentos, mas criar circulações de falas e de obras de circunstância em que a efusão está proscrita, tal como para o cortesão. (VINCENTE-BUFFAULT: 1996)

O galanteio, atitudes de clivagens, impregnado de sensibilidade, erotismo e de sentimentos se mostram, diante do coração e da alma feminina, como um momento único que alardeando sua melancolia, suspeita da sentimentalidade e só faz questão da fidelidade. (VINCENTE-BUFFAULT: 1996)

Essa heterossexualidade do encontro e das simpatias não deve fazer esquecer que a conquista amorosa está integrada ao pudor. O pudor proporciona prazeres muito lisonjeiros ao amante, faze-lhe sentir quantas leis se transgridem por ele (STENDHAL:2001). Alcançando com isto um grau de realização que permite, no momento do galanteio, a confiança indiscreta do coração.

Poderíamos então pensar que, na Ilha de Santa Catarina, essas relações ao colocarem fronteiras ténues entre sensualidade e angelismo e, ao se tornarem imperceptíveis, e sem quizilar a honra feminina, e sem deslocá-las de si mesma, o galanteio, permite um percurso de amizade que marca as diferentes etapas de sua evolução. (VINCENTE-BUFFAULT: 1996)

Fundamentada nas clivagens de condutas masculinas a sensibilidade é preceptiva pela mulher da Ilha como uma amizade da qual emerge a possibilidade da cumplicidade e intimidade que estabelece uma zona de verdade, que filtrada, determina as verdades que interessam à mulher. Para as mulheres a coqueteria está para o pudor assim como a artifício está para a verdade. (VINCENTE-BUFFAULT:1996)

Pudor e verdade consistem no imaginário feminino, como possibilidade permanente de defesa da sua própria honra. E o artifício da coqueteria acrescentou a este pudor e verdade uma cargaerótica que suscitou a queda do homem. (Bologue: 1990)

Afinal, é nessa população feminina insular, nesta Ilha do Atlântico Sul, que mulheres e homens reinventam sua própria história como demonstra a historiografia. Também é na Ilha, proferida pela boca extasiada dos viajantes estrangeiros, que as

mulheres de Nossa Senhora do Desterro, quando pressentem o perigo a rondar sorratamente em seu contorno e sem o menor pudor, sacrificam seus amantes para salvar sua honra: o pudor do sentimento é considerado domínio do homem, a mulher privilegia o pudor corporal. (Bologue: 1990)

E diante destes preceitos sobre a honra, o pudor se colocada como mediador do olhar que furta a mulher que, distraidamente, se entrega à languidez de uma paixão oculta e secreta. Ao tecer seu segredo de alcova, na cumplicidade ardente da paixão amorosa, a mulher prioriza o verbo - no pensamento cristão o verbo se fez carne. Daí o privilégio que a mulher empresta ao cuidado com o corpo que desenvolveu no grupo feminino uma curiosa técnica de avanços e recuos, de entregas parciais, um se dar se negando, que é a essência da coquetterie. (Souza: 1987) Contudo, tal como Don Juan, é no domínio público que a mulher expõe, diante de um amor secreto, todos os recursos possíveis, desde os mais sutis estímulos espirituais até as mais insistentes exposições. (Souza: 1987)

Na vila e na cidade do Desterro, ri-se e se comenta nas ruas, ruelas, locandas, gabinetes oficiais, birosas, no seio familiar, nos relatos de viajantes e nos jornais dos imaginários de como se constrói o corpo em movimento diante do doce desejo do adultério; momento onde a paixão exala, como mar em arrebatamento, os prazeres e perigos consentidos.

A sociedade citadina do século XIX, difundida pelos modernistas desterrenses, encontrava, na resistência dos costumes da população, o obstáculo inconveniente diante do seu desejo de conter a turbulência e a brutalidade desse descompasso diante do processo civilizador em que a cidade do Desterro apresentava. Ao circular dizeres e fazeres sobre e sobi

a vida cotidiana, ela inseria subitamente pela superfície, pedagogias referentes à intimidade dos sujeitos.

Esta procura da verdade íntima difundida no século XIX, e difundida por vários dizeres e fazeres produz na alma e no coração feminino a contradição "enfadonha" da sua própria condição diante das relações sócios-culturais e económicas. As confidências sem reservas são sonhos do coração que, neste ponto como em muitos outros, promete mais do que pode cumprir. (Vincent-Buffault: 1996)

Porém para Lou Andreas-Salomé, as formas de sedução para a mulher são múltiplas. São, no seu entendimento, brincadeiras lúdicas que em última instância representam sua própria contradição, na medida em que o mundo feérico vai operando o seu sentido diante do próprio jogo da sedução.

Na mulher tantas coisas se deixam arrastar na sedução quando, de acordo com sua intenção primeira nada tinha a ver com ela. (Andreas-Salomé: 1991)

Henri-Marie Beyle, conhecido no mundo literário sob o pseudónimo de Stendhal, no livro "Do Amor", no capítulo referente ao ciúme, desenvolve sua narrativa assegurando que este sentimento nasce do momento em que o homem enciumado valoriza o rival, dando-lhe uma importância que muitas vezes não corresponde a essa valorização. E ao valorizar o "intruso", sua imaginação flutua entre a felicidade de um tempo vivido e um presente cheio de ardis. Com isso, perde a capacidade de entender o acontecimento, e ao perdê-lo, imagens de uma suposta infelicidade o remetem a um mundo povoado de contradições. Para Stendhal:

Exageramos a felicidade do rival, exageramos a insolência que lhe dá essa felicidade e chegamos ao cúmulo dos tormentos, isto é, à extrema desgraça envenenada ainda por um resto de esperança. (Stendhal:2001)

Assim, na perspectiva amorosa, o homem acometido pelo ciúme ao valorizar o rival, constrói imagens de felicidade que não correspondem ao tempo vivido. Refém das suas representações o enciumado fica impedido de ver a felicidade que seus gestos provocam ao "outro". Nesta perspectiva o enciumado fica impossibilitado, momentaneamente, de perceber que

É preciso o amor desaparecer para que o coração sinta, através de horríveis tormentos, todos os passos da sua agonia. É uma das combinações mais infelizes dessa paixão e da vida. (Stendhal:2001)

Stendhal nos assevera que, neste caso, o homem enciumado não deve fortalecer o inimigo. Isto é, proporcionar-lhe o momento de sua ambiguidade amorosa. O princípio deste não fortalecimento do rival, segundo o autor, consiste na simulação constante. Evitando com isto que o "outro" perceba a inquietude que sua presença provoca. Ao evitar esta percepção não desperta e nem revela o que o incomoda. Neste sentido, o "intruso" não será o incómodo, será um homem prudente diante das pluralidades dos acontecimentos. Negar ao rival as possibilidades infundáveis das leituras possíveis diante do seu comportamento, torna-se o instrumento único e necessário para o homem enciumado.

Em face de um rival não há meio termo; é preciso brincar com ele com a maior sem-cerimônia possível, ou meter-lhe medo. Sendo o ciúme o maior de todos os males, descobrimos que expor a vida é uma diversão agradável. Pois nesse caso nossos devaneios não ficarão envenenados, nem se tornarão sombrios, (...); algumas vezes podemos até imaginar que assassinamos o rival. (Stendhal:2001)

A pseudo dor amorosa, Essa mistura de virtuosidade e de impetuosidade, de vivacidade e de exaltação dos sentidos e dos gestos, colocam o enciumado diante das leituras quase sempre antagónicas às imagens oferecidas e proporcionadas, as quais provocam e estimulam fórmulas breves e de afeição cúmplices, de zombaria e de estima, de deploração e de compaixão. (Vicent-Buffault:1996)

Nesta profusão de imagens carregadas de significados e representações sociais, portanto lugar da erotização, amor, dore zombaria produzem a deploração da compaixão. E ao expor sua dor e tormento, que naquele momento vivido e experimentado se revela como verdade diante de quem sente o abandono, o enciumado não percebe a excessiva nudez dos seus gestos e falas. Personagem de uma dor solitária, única, essas imagens que provocam no enciumado a confusão de sentimentos, estrangulam a sua percepção colocada diante de um olhar turvo e embaçado pela dor. Contudo, essa nudez, diante do sorriso público, suscita intimamente nossa aprovação e desperta nossa cumplicidade diante do atraído. A socialização da tragédia agrega um doce e perpétuo antagonismo que só momentaneamente assume a aparência de repouso, (Lawner:1994) tomando a interpenetração dos aspectos visuais e verbais a ambiguidade reveste a condição amorosa entre o imaginário e o simbólico.

É curioso observar que a fala do viajante René Primevère Lesson, parece refletir sobre si uma tentativa ténue entre o simbólico e o imaginário. Como quisesse, neste caso, exprimir o objeto da sedução num só sentido. Assim, ao invés do domínio simplesmente a sedução se apresenta como simbólico (presentes) e como imaginário (palavras).

Ao colocar que os viajantes possuíam formas arrebatadorTM de sedução e por isso difíceis para mulher da Ilha de S;mtf] Catarina resistir, estaria Lesson a afirmar que os viajantj povoavam o imaginário feminino desterrense, diante de suifl impossibilidades amorosas com seus homens? Ou estaria ele prj julgando determinadas práticas de sociabilidade feminina?

Poder-se-ia dizer que a figura masculina em Nossa Senhora do Desterro encontrava-se à mercê do seu próprio imaginárlol que, a partir das práticas de sociabilidade de suas mulhema, construíam a figura do outro. Dessa maneira, parece corretol pensar que as atitudes dos homens da Capital da Província df] Santa Catarina, diante dos viajantes estrangeiros, eram ambíguas, na medida em que suas práticas de sociabilidade» possibilitavam aos viajantes interpretar seus gestos e atitudes: a amizade fornece referenciais sociais na medida em que permite afirmar uma identidade, uma singularidade. (Vicent«j Buffaucalt:1996)

Entretanto, devemos ter em conta que as imagens criadas organizavam-se somente em torno de suas condutas diante da solicitude dispensada por suas mulheres aos viajantes estrangeiros que visitavam a Ilha de Santa Catarina, no transcurso dos séculos XVIII e XIX, e que, de alguma forma,! usufruíam das práticas de sociabilidade da comunidade desterrense.

Mais de uma vez a história natural nos lançou nos matos, onde 1 encontramos o pessoal da tripulação ocupado em outras! pesquisas que não eram precisamente aquelas específicas de i nossa missão. Pelo tempo que durou nossa estadia, certos! esposos desconfiados, faziam cativas suas caras-metades. m Lesson:1984)

o aspecto afirmativo da citação acima nos estimula a | iwi'..ii que a amabilidade dispensada pelos viajantes íulfin H loiros à população masculina desterrense está interligada fim liços de influências, de virilidade, de rivalidade e de I iimpotição. Ao desnudar para um público externo as formas de • oclnbilidade feminina de Nossa Senhora do Desterro, os VI«|nnles expõem esta prática ao domínio da fala jocosa. Poder-M III dizer ainda que colocava o homem ilhéu como o brinquedo II zombaria alheia.

Os viajantes, ao desenharem a imagem do marido «Imiçoado através da teatralização das atitudes, dos gestos e ir. expressões faciais, e ao ascenderem à representação do in, iiido "chifrudo", despertam o desejo, no coração da moralidade popular da Capital da Província de Santa Catarina, de idealizaras aparências e conseqüentemente o repúdio ao marido traído.

Entretanto, a moral popular desterrense, ao delimitar a configuração do "chifrudo", mostra claramente que o Kíoonhecimento interpessoal e a memória visual possibilitam Imaginar sua própria futura condição o que o incita a lançar mais um olhar.

Assim... risos, dores e lágrimas florescem no imaginário popular a suscitar qualificações convertidas no fornecimento da própria zombaria. Desmascarar o disfarce das lágrimas contidas e exercitar o exercício da dor que provoca a imagem do transtorno através do olhar que observa as deformidades dos costumes.

Na Ilha de Santa Catarina, os homens, ao mostrarem sua contrariedade para com a solicitude dispensada por suas mulheres aos viajantes estrangeiros, oferecem um conjunto de sinais exteriores que, no olhar de quem se inocula nas práticas de sociabilidade, os identificam e os caracterizam como

demonstração de ciúme. Inversamente, esta nova permanência 1 do traço favorece a manutenção, e até a ampliação, do boato 1 desabonador. (CORBIN.1987)

Neste movimento, essa amizade terna e íntima que se estabelece entre os viajantes estrangeiros e, em particular, a população masculina da Capital da Província de Santa Catarina, 1 desenvolve, no seu interior, laços de intrigas e combates! amorosos. A desvalorização do homem desterrense passa a ter o 1 sabor das trocas informativas sobre o comportamento da mulher 1 da Ilha, conferindo ao viajante uma legitimidade moral diante do 1 seu leitor ansioso por notícias exóticas do novo mundo. E ao criar 1B uma certa cumplicidade com seu leitor, o envolve na rede do seu 1 próprio jogo amoroso. Assim diante das pluralidades amorosas! 1 expande sua fala para a percepção masculina dos códigos da 1 sedução concomitante com uma valorização dos jogos da 1 infidelidade amorosa.

Ao se inserirem, aos poucos, na vida cotidiana de Nossa Senhora do Desterro, os viajantes estrangeiros vão sutilmente impondo normas gestuais que renovam a cena das práticas de sociabilidade da comunidade das quais, momentaneamente, vivenciam. Os viajantes estrangeiros delimitam sobre si mesmo o território das sensibilidades femininas, enchem a existência da 1 mulher da Ilha e a languidez, os suspiros, as lágrimas 1 involuntárias traduzem esta estranheza e impõe a solicitude do 1 que a cercam. (CORBIN: 1987)

Sobre a honra feminina da mulher da Vila Nossa Senhora do 1 Desterro, o naturalista René Primevère Lesson, que aportou em 11 desterro em 16 de outubro de 1822, registra no seu relato que as 11 mulheres da Ilha de Santa Catarina eram bonitas, faceiras e 1 expansivas. Contudo, segundo seu olhar, elas são como as 1 mulheres civilizadas, pois adoram as intrigas amorosas. Para li

finalizar a sua narrativa, o viajante, para quem não passou despercebida a atitude da mulher ilhoa quando pressentia que sua honra corria perigo, registra:

 Todavia é preciso amantes ousados porque, seus maridos ciumentos são vigilantes, e, nas circunstâncias difíceis, elas estão sempre prontas a sacrificar seus galantes para salvar sua honra. (LESSON: 1984)

Essa mistura de impetuosidade e virtuosidade e, porque não, de vivacidade na defesa da sua honra, faz parte do artifício epistolar feminino diante de afeições cúmplices, de zombaria e da deploração pela qual fica exposta diante do olhar alheio.

Poder-se-ia dizer que ao censurar o comportamento masculino através do ato de sacrificar seus galantes, o que para a mulher não tem o menor significado a não ser o de sair do campo da zombaria com o intuito que eles lhe devolvam sua verve. E o pudor empresta ao amor o socorro da imaginação, o que é conceder-lhe a vida. (Stendhal:2001)

Neste sentido, à libertinagem feminina se opõe às efusões masculinas e exigem moderação nos procedimentos amorosos. Principalmente quando o galanteio coloca a mulher em situações pouco confortáveis diante de olhares inquisidores é difícil saber quais são as atitudes mais adequadas à sensibilidade feminina. (Vicent-Bufferault:1996)

Não foram somente os viajantes estrangeiros que retrataram e consideraram a mulher de Nossa Senhora do Desterro como inconstante, frívola, adúltera, fugaz, namoradeira e inconstante. Também encontramos nas páginas dos periódicos locais, notas, anúncios, crônicas e advertências que tinham como objetivo denunciar certos comportamentos afetivos femininos considerados inconvenientes.

Chamando a atenção e ameaçando uma moradora da freguesia do Rio Vermelho, caso não devolvesse o anel de um suposto amante, e com o sugestivo título, O Alheio ao seu Dono, c Jornal "Correio Catharinense", em 28 de junho de 1854, publica

Uma moça que mora na freguesia do Rio Vermelho, queira restituir o anel de ouro, que levou contra a vontade de seu dono, se não quer que o seu nome apareça nas folhas publicadas.

Com o intuito de prevenir uma mãe sobre comportamento moral de sua filha, o Jornal "O Argos", supostamente a pedido de uma esposa que se sentiu preterida por seu marido, publica um anúncio, assinado com o pseudônimo de "Tabaco e Tigela",! narrando as artimanhas de uma moça para frequentar bailes:

Previne-se às mães de família que vão a bailes de evitarem suas j filhas namorarem a homens casados, como uma mocinha que eu l cá sei que, para ter entrada nos bailes, vê-se forçada a namorar] um homem casado, e como vejo que isto não é próprio para a l reputação de uma moça, por isso previno por este anúncio, para] não continuar a praticar semelhantes abusos. (O Argos, 14-11-1 1856)

Observamos a sequência da narrativa de Tabaco e Tigela. l Inicia descrevendo as artimanhas que uma determinada moça l desenvolve para frequentar os salões de bailes desterreenses. Em l nome dos bons costumes e da moral, expõe que a moça se utilizai segundo seu juízo moral, de artifícios nada convencionais para l bailar e namorar. No meio de sua narrativa ele absolve seu l comportamento, que anteriormente julgara inadequado, quando l afirma que ela vê-se forçada a namorar um homem casado.l Embora formule explicações sobre as causas que levaram ai moça a adotar determinado procedimento, não explicita a partir! de que elementos conclui que a moça namore um determinado! homem casado para obter franquia nos bailes da Ilha de Santa l Catarina. Entretanto, uma pergunta se faz necessária. Tabaco e l

Tigela estão advertindo quem? A atitude feminina? Ou estão a condenar certas práticas de sedução masculinas que têm como objetivo obter favores amorosos?

Uma nota publicada pelo jornal "Periódico da Semana", em 07-11-1864, com o título Amor Perdido, narra os ardis encontrados, por uma moça, para negar diante do amante a sua traição.

Tendo um amante encontrado a sua bela nos braços de seu rival, ela lhe negou atrevidamente o fato - Como! Disse ele furioso, atrevei-vos a negar a desmentir aquilo que eu vi com os meus próprios olhos?! Ah! pérfido! lhe disse ela, bem vejo que tu não me amas, visto que crês mas no que tu vês do que no que digo.

Se por um lado, a imprensa na Ilha de Santa Catarina corrigia modos de sociabilidade femininos, que ao seu olhar considerava inconvenientes aos bons costumes da família desterrense, seu olhar também regulava o comportamento afetivo masculino.

Em Nossa Senhora do Desterro, estes chamamentos diante das práticas de sociabilidade masculina que surgiam nas páginas dos periódicos locais, a partir da segunda metade do século XIX, intervinham publicamente na afetividade masculina. E quase sempre, estas intervenções sobre a afetividade masculina, ironizavam a condição do marido atraído. Aqui, o homem vive a dolorosa aventura dentro da legalidade e da chicana. <Corbin:1987)

Associados ao mundo do riso, os maridos atraídos tomam-se motivo da zombaria alheia e do escárnio público na sociedade desterrense do século XIX. A erotização da dor amorosa nunca é uma dor solitária. Pelo contrário, ela exige plateia e palco onde dor e representações desfilam essa vontade

de se torturar, essa crueldade reprimida do bicho-homem interiorizado, acuado dentro de si mesmo, aprisionado no (Nietzsche:1988) seu modelo e nas representações das sensibilidades dos sentimentos. O riso estampado na face do outro, o dis-que-não-diz das intrigas de alcova, o ar jocoso que circula na espreita, tudo cria e possibilita atmosfera para que o marido atraído, que reinterpreta esses instintos como culpa, (Nietzsche:1988) tome-se a própria dualidade entre as possibilidades de imagens e circule com desenvoltura diante do riso que se espalha sobre a superfície da sociedade desterrense.

A imagem e o uso que se fazia dela, estreitamente subordinada às necessidades de orientar e de certa forma punir publicamente aquele que se deixava apreender pelas relações de domínio, organizava a pedagogia que tinha por intuito moldar os comportamentos e impor gestos e posturas. Poder-se-ia dizer! que, as novas figuras, maridos atraídos, retratadas! socialmente de instável e débil, tornavam-se um incômodo para os códigos de comportamento da incipiente burguesia de Nossa Senhora do Desterro. Pois, durante o último quartel do século XIX, a vida privada passava a ser afetada e revelada ao mesmo tempo em que o seu espaço urbano passava por transformação urbanística.

Na seção de boatos do jornal "A Regeneração", em 19-02-1871, diante da enfermidade do Sr. Genuíno, alguém lhe sugere que, sem perda de tempo, procure o Dr. Bovino, que possui um meio fácil para lhe curar.

O Sr. Genuíno está atacado de uma moléstia conhecida pelo nome de corno Mania. Um sujeito a quem isto foi dito lembrou um meio fácil para obter-se cura infalível. E era ser consultado sem perda de tempo o Dr. Bovino que cura pelo sistema da Rêlhopathia.

Com o sugestivo título "O amante açoutado" o jornal "Diário Catarinense" fala dos infortúnios dos maridinhos.

Hoje, louvado Deus, está tudo uma miséria! As filhas arrebitam-se mesmo na presença dos pais! Às irmãs diante dos irmãos! E as mulheres nas bochechas dos maridos! E há maridinhos tão modernamente arranjadinhos, que fazem a vista grossa! Por isso o mundo vai como vai! Por isso Deus nos castiga.

Se há maridinhos tão modernamente arranjadinhos, não saberíamos dizer; mas, conta o historiador Oswaldo Cabral que quando as mulheres da Ilha de Santa Catarina se encontravam no tanque público, no bairro da Figueira próximo ao porto no lado mais pobre da cidade, as diferenças ficavam em atritos constante e, na medida em que a tensão acumulava percepções,

punha-se chifres em pais, maridos ou companheiros. Autênticos, reais ou imaginários - mas, em todo caso enfeite por todos recusado, na base do muque. (Cabral:1987)

E quando o barulho se generalizava, o corre corre e o diz-que-não-diz se espalhava entre um empurrão e outro e logo atrás gritaria e correria. Mulheres que apanhavam, mulheres que batiam, gesticulavam e gritavam. Acena encerrava-se:

Então chegavam os homens, os cabras machos, para entrar no barulho. Gente mais pacata, que chegara para assistir, ia arrumando a trouxa e dando o fora. Porque, no final de tudo, quase sempre o pau comia. Comia de rijo, comia grosso, valendo.... (Cabral:1987)

Com base neste conjunto de falas sobre as práticas de sociabilidade da população, e, em particular, as práticas afetivas masculinas em Nossa Senhora do Desterro, e no litoral, podemos acreditar nas narrativas que fizeram os viajantes estrangeiros sobre o comportamento amoroso dos homens da póvoa, da vila e

da cidade do Desterro? Onde as imagens reincidentes relatadas caracterizam, no olhar de quem observa, os modos de comportamento ciumento dos homens da Ilha de Santa Catarina? Que essas imagens relatadas seriam uma criação do imaginário destes viajantes?

Um outro questionamento é o que se refere aos deslocamentos afetivos de uma sociedade. Ao vivificar este convívio, os viajantes foram partícipes ativos dessa construção de sociabilidade da comunidade desterrense. Este conviver fica explícito quando, ao usufruírem dos usos e costumes da população, são tocados pela afetividade que exala da comunidade. Que instrumentos teríamos para testar a veracidade dos fatos narrados pelos viajantes ao descreverem os homens da Capital da Província de Santa Catarina e do litoral como ciumentos?

O homem "chifrudo" seria só fruto da imaginação dos viajantes? Pergunta que não conseguimos responder desde o início desta pesquisa e que permanece obscura. Pelas narrativas dos viajantes podemos observar que os homens da Ilha, também em determinados momentos, eram partícipes na construção dessas imagens. Nossa hipótese se justifica na medida em que todos os viajantes descreveram de forma sistemática um homem ciumento.

Em nenhum momento da pesquisa encontramos referência do contrário. Se de um lado, só temos falas masculinas construindo o homem ciumento, portanto, é a partir delas que contamos o que se passou em Desterro e no litoral, por outro lado, fica uma pequena dúvida diante dos papéis que eles encenaram. Em momento algum estamos a dizer que os homens desta região eram "cornos", apenas chamamos a atenção do leitor para o fato

de que sem exceção todos, absolutamente todos os viajantes, registraram um homem ciumento nesta região.

Por outro lado, estas imagens sobre os homens de Nossa Senhora do Desterro estigmatizados como maridos atraídoos também surgem nas páginas dos jornais publicados na Ilha de Santa Catarina. Neste período a Ilha passava por lentas transformações urbanas e novos equipamentos de sociabilidade eram introduzidos para o uso da população, que trazia intrinsecamente os anseios de modernidade à incipiente burguesia desterrense.

A imprensa, em Nossa Senhora do Desterro, tornava-se, portanto, um meio para exercer a vigilância, correção e controle sobre fazeres pertinentes ao cotidiano da população e, de forma particular, nas práticas afetivas masculinas.

Das falas que emergem de campos de tensões que se diferenciam pelo fundamento do seu juízo ético, o que delas realmente se percebeu sobre o que ocorria na sociedade desterrense do século XIX, referente às práticas de afetividade masculina? Que verdades as narrativas dos viajantes estrangeiros e as crônicas, anúncio e advertência publicados nas páginas dos periódicos locais falavam?

Não é objetivo deste artigo ir em busca de uma verdade dos acontecimentos, e sim tentar compreender as práticas afetivas masculinas que possibilitaram a construção do homem "corno", na Ilha de Santa Catarina. Ao intervir nos campos de tensões, a burguesia desterrense em ascensão diagnosticava as malezas do urbano e na teia dessas malezas o jornal do "Comercio" no dia 2 de junho de 1880 publica na sua coluna de variedades.

Descobriu-se agora o modo de qualificar os maridos, segundo são ou não governados pelas mulheres. É o seguinte: Dá-se o nome de varão, quando ele manda e ela não. De varela quando manda ora ele, ora ela. E de varunca quando manda ela e ele nunca.

BIBLIOGRAFIA

- ANDREAS-SALOMÉ, Lou. **O Erotismo seguido de reflexões sobre o problema do amor**. Tradução António Daniel A. de Abreu. São Paulo, Ed. Princípio, 1991.
- BRITO, Paulo Miguel de. **Memória Política sobre a Capitania de Santa Catarina**, Florianópolis, Livraria Central, 1932.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **"Os açorianos"**. In: Anais do Primeiro Congresso de História de Santa Catarina, v. 2. Florianópolis, Imprensa Oficial, 1950.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro**, vol. II, Florianópolis, Lunardelli, 1979.
- CORBIN, Alain. **"O Segredo do Indivíduo"**. In: Perrot, Michelle, j História da Vida Privada, 4: as Revolução Francesa à Primeira] Guerra(org.). Tradução Bernardo Joffily, São Paulo: Companhia] das Letras, 1991.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da Sedução**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- DOM PERNETTY, Antoine. **"Historie d'un voyage aux Isles Malouines, fait en 1763-1764..."**. tradução De Cármen Lúcia Cruz, In: Berger, Paulo (Org.). Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX, 2^a. Edição, Florianópolis, editorada UFSC/Assembleia Legislativa, 1984.
- DUPERREY, Louis Isidore. **"Voyage autor du monde..."**!:. Tradução Gilberto Gerlach e Martim Afonso Palma de Haro, In: Berger, Paulo (Org.). Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX, 2^a. edição, Florianópolis,! Editora da UFSC/Assembléia Legislativa, 1984.

JEAN - Claude Bologue. **História do pudor**. Tradução de Telma Costa. Rio de Janeiro: Elfos Ed.; Lisboa, Portugal: Teorema, 1990.

LA PÉROUSE, Jean-François Galup de. "**Voyage de La Pérouse autor du Monde**", tradução Gilberto Gerlach, In: Berger, Paulo (Org.). Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX, 2^a. edição, Florianópolis, Editora da UFSC/Assembléia Legislativa, 1984.

LANGSDORFF, G. H. Von. "**Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in dean Jahren 1805 bis 1807**". Tradução De Dolores R. Simões de Almeida, In: Berger, Paulo (Org.). Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX, 2^a. edição, Florianópolis, editora da UFSC/assembléia Legislativa, 1984.

LAWNER, Lynne. **As cortesãs do renascimento**. Tradução Mónica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LESSON, René Primevère. "**Voyage autor du monde...**". Tradução De Gilberto Gerlach e Martim Afonso Palma de Haro. In: Berger, Paulo (Org.). Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX, 2^a. edição, Florianópolis, editora da UFSC/Assembléia Legislativa, 1984.

NIETZCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. Tradução Paulo CesarSouza. Editorabrasiliense. 2^o. Ed., São Paulo, 1988.

PORTER, David, "**Giornale di una Crociera Fatta Nel Oceano Pacífico...**", tradução Inácio Dell Ant3nio. In: Berger, Paulo (Org.). Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX, 2^a. edição, Florianópolis, editora da UFSC/Assembléia Legislativa, 1984.

SAINT-HILAIRE, Auguste de, **Viagem a Curitiba e Santa Catarina**. Tradução Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte; Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

STENDHAL. **Do Amor.** tradução de Wilson Lousada. Rio de Janeiro, Editora Tecnoprint S. A., 1.ª Ed., 1822.

VICENT-BUFFAULT, Anne. **História das Lágrimas: séculos XVIII-XIX.** Tradução de Luiz Marques Gambini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

VINCENTE-BUFFAULT, Anne. **Da Amizade: Uma história do exercício da Amizade nos séculos XVIII e XIX.** Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, EdJJB 1996.

PERIÓDICOS

Jornal, A Regeneração, 19-02-1871.

Jornal, Diário Catharinense, 10-05-1854.

Jornal, Diário Catharinense, 28-06-1854.

Jornal, O Argos, 14-11-1856.

Jornal, Periódico da Semana, 07-11-1864.

Jornal, Correio Catharinense, 13-07-1853.

Jornal, Correio Catharinense, 22-06-1853.

Jornal, O Despertador, 14-07-1874.

Jornal, do Comercio 02-06-1880